

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

No tempo IBERÊ CAMARGO

Eu creio na eternidade da arte, única permanência da nossa transitória individualidade. O artista é o homem que toca o infinito, você com seus mármore, eu com as minhas cores. Ambos procuramos com nossas mãos e os nossos corações dar permanência ao transitório.

Iberê Camargo, em carta a Bruno Giorgi datada de 1968

A exposição *No tempo - Iberê Camargo* reúne gravuras e desenhos realizados por Iberê Camargo ao longo de toda sua carreira. O desenho é algo que acompanha o artista desde cedo, quando, ainda com quatro anos de idade, debaixo da mesa, passava horas a fio a rabiscar.¹

A partir do conjunto de obras selecionadas, podemos perceber as mudanças e constâncias que marcaram a produção de Iberê através do tempo, assim como os elementos que refletem suas idas e vindas entre lugares e memórias. O trem, os carretéis e os ciclistas são esses símbolos de passagem que pontuam sua produção. O artista entende a vida como uma jornada, mesmo que, por vezes, sem meta. “Tenho sempre presente que a renovação é uma condição da vida. Nunca me satisfaz o que faço. Vejo nisso um estímulo perante a criação. Ainda sou um homem a caminho”, escreve Iberê.²

Como o traçado de uma espiral, elementos e procedimentos que aparecem nos trabalhos do início da carreira do artista reaparecem em obras de sua maturidade, modificados pelo longo período de aprendizado e pesquisa formal ao qual se dedicou. O olhar para o pátio da infância evidente em suas paisagens, a verticalidade e o isolamento que marcam *Um carretel* (1960) e *Mulher Sentada* (1991) e o ordenamento visível nos tachos da *Cozinha da vó Chiquinha* (1941) e na fase dos carretéis são exemplos dessas permanências modificadas.

“Nos meus quadros, o ontem se faz presente no agora. A criação é um desdobramento contínuo, em uníssono com a vida”, afirma o artista.³ A arte, para Iberê, foi o meio encontrado para enfrentar a vida e também para sobreviver a ela, estendendo sua permanência para além de seu próprio tempo.

1 CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos Guardados*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 160.

2 CAMARGO, Iberê. *No andar do tempo: 9 contos e um esboço autobiográfico*. São Paulo: L&PM, 1998, p. 100.

3 CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos Guardados*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 31.

ATIVIDADES

Gravura

Como forma de experimentar essa técnica secular de reprodução de imagens, sugere-se a realização de uma atividade a partir de chapas ou bandejas de isopor: com um palito, rebaixar as áreas do isopor (neste caso, a nossa matriz) que deverão ficar brancas na impressão. Com um rolinho de espuma, pintar a superfície da matriz com tinta, evitando cobrir as aberturas feitas com o palito. Colocar uma folha de papel sobre a matriz e pressionar levemente com as mãos, retirando o papel cuidadosamente. Após, peça aos alunos que comparem as diferenças entre a impressão e a matriz e que realizem ao menos três cópias de cada gravura, que depois poderão ser trocadas entre a turma.

Paisagem

O tema do lugar da infância é algo que marca a obra de Iberê Camargo em seus anos de formação. Mesmo após a mudança para o Rio de Janeiro e a temporada de estudos na Europa, as paisagens do Rio Grande do Sul continuam a aparecer em seus trabalhos. Pergunte aos alunos quais são os seus lugares da infância. Peça que eles criem uma forma de representá-los e apresentem para a turma. Que lugares surgiram? Por que eles são importantes?

Após essa análise, proponha um desdobramento da atividade como tema de casa. Sugira aos alunos que mostrem os trabalhos a seus pais e conversem com eles sobre suas próprias lembranças desses lugares. A partir da experiência, discuta sobre as diferenças e as semelhanças entre as memórias de cada um.

Autorretrato

No início de sua carreira, os autorretratos que Iberê realiza são marcados por uma preocupação em representar claramente sua fisionomia. Com o passar do tempo, o artista passa a se retratar com menos elementos, destacando a expressividade da linha.

Após se observarem no espelho por alguns minutos, proponha aos alunos o desafio de se retratarem por meio de desenhos. Primeiro, peça que eles realizem o retrato com uma única linha, sem tirar o lápis do papel. A seguir, limite o desenho a uma determinada quantidade de linhas: primeiro um número intermediário, como dez, e depois um número menor, como cinco. Ao final do processo, converse com a turma sobre as características de cada tipo de desenho.

Carretel

Com a mobilidade prejudicada por uma hérnia de disco, Iberê Camargo, no final da década de 50, passa os dias trabalhando apenas em seu ateliê. É nesse período que o carretel, recordação das brincadeiras de infância, aparece em sua obra. Iberê os pinta e desenha sucessivamente, chegando à síntese de sua forma em obras como a série *Estrutura em movimento*, na qual a figura característica do carretel é quase irreconhecível.

Peça aos alunos que escolham algo de sua casa para trazer à escola. Esse objeto será o único modelo com o qual eles trabalharão durante certo período, como uma semana ou um mês. Explore diferentes técnicas para representá-lo: desenho, colagem, pintura, fotografia, modelagem, etc. Analise as diferenças que aparecem no uso de um meio ou de outro. A ideia é que, ao final da experiência, assim como Iberê, os alunos procurem alcançar a síntese da forma desse objeto.

GLOSSÁRIO

A gravura é uma técnica artística que envolve a reprodução de imagens a partir de uma matriz – uma superfície plana, usualmente de madeira, pedra ou metal – na qual se grava um desenho por meio de incisões, corrosões e talhos realizados com instrumentos e materiais especiais. Após a gravação da matriz, a chapa é recoberta de tinta e, por meio de pressão, o desenho pode ser transferido mais de uma vez para suportes como folhas de papel ou tecido, resultando em várias cópias da mesma imagem. Como linguagem artística, a gravura recebe a atenção de importantes artistas desde o século XIII. Além disso, era por meio de gravuras que se reproduziam textos, ilustrações e até mesmo cartas de baralho antes da invenção da fotografia e das técnicas mecânicas de reprodução.

Iberê Camargo dedicou-se à pintura, ao desenho e também à gravura em metal. O glossário abaixo apresenta termos técnicos relacionados às obras presentes na exposição *No tempo - Iberê Camargo*.

Água-forte: Processo da gravura em metal em que linhas são traçadas por meio da corrosão da chapa metálica. Na técnica, o artista produz o desenho sobre a chapa revestida por um verniz de proteção. Ao entrar em contato com o ácido, as áreas desprotegidas são corroídas, formando sulcos capazes de absorver a tinta que depois será transferida para o papel.

Água-tinta: A técnica da água-tinta também utiliza líquidos corrosivos no processo de gravação em metal, usualmente o percloro de ferro. No entanto, diferente do que acontece com a água-forte, a chapa é recoberta com uma fina camada de grãos de breu, formando uma película pontilhada que permite obter, no momento da impressão, áreas de diferentes tons entre o branco e o preto, conforme o tempo de exposição ao ácido.

Lavis: Processo no qual um ácido de alta corrosão, como o nítrico, é pincelado diretamente sobre a chapa recoberta com breu, produzindo um efeito de manchas próximo ao da aquarela.

Ponta seca: Técnica na qual o artista utiliza uma ferramenta pontiaguda para desenhar diretamente na chapa de metal. Quanto mais pressão o gravador aplicar no traço, mais profundo ele será. Além de ser o nome do processo, “ponta seca” também designa o instrumento utilizado e o tipo de gravura produzida.

Prensa: Aparelho manual ou mecânico destinado a reproduzir, em papel ou outro material, uma imagem gravada. É ao passar pela prensa que a tinta aplicada na matriz se transfere para o papel, resultando na gravura.

Processo do açúcar: Nesse processo, o desenho a ser gravado pela chapa é feito com uma calda de açúcar que depois é recoberta com betume da Judéia. Em seguida, essa calda é dissolvida com água quente, expondo o desenho do pincel à corrosão do ácido.

Processo do guache: Técnica similar à do açúcar, na qual tinta guache é utilizada ao invés da calda para construir o desenho.

Material Didático exposição *No tempo - Iberê Camargo*: Concepção e textos Camila Monteiro Schenkel e Cristina Yuko Arikawa **Projeto Gráfico e Diagramação** Adriana Tazima **Impressão** Gráfica ANS **Tiragem** 600 unidades **Agradecimentos** Adriana Boff, Alexandre Demetrio, Eduardo Haesbaert, Gustavo Possamai, Marcelo Lunardi.

Fundação Iberê Camargo

Conselho de Curadores

Beatriz Johannpeter
Bolívar Charneski
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Domingos Matias Lopes
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente do Conselho de Curadores

Maria Coussirat Camargo

Presidente Executivo

Jorge Gerdau Johannpeter

Diretores

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial

Fábio Coutinho
Icleia Borsa Cattani
Jacques Leenhardt
José Roca

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Schwartzmann
Ricardo Russowski

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Gestão Cultural

Pedro Mendes

Equipe Cultural

Adriana Boff
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

Equipe Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Alexandre Demétrio
Gustavo Possamai
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa

Camila Monteiro Schenkel
Cristina Arikawa

Mediadores

Ana Carolina Klacewicz
André Fagundes
Bruno Salvaterra Treiguer
Denise Walter Xavier
Fabrício Teixeira
Kelly Bernardo Martinez
Livia dos Santos
Luiza Bairos Rabelo da Silva
Mailson Fantinel D'ávila
Michel Flores
Pedro Telles da Silveira
Sílvia Froemming Pont
Thiago Bueno de Camargo

Equipe de Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky
Marcos Fioravante de Moura
Talitha Bueno Motter

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna
Gabriela de Souza Carvalho

Website

Lucianna Silveira Milani
Julia Lichtenstein Corso

Superintendente Administrativo Financeiro

Rudi Araújo Kother

Equipe Administrativo-Financeira

José Luis Lima
Ana Paula do Amaral
Caio Osório e Silva
Carlos Huber
Carolina Miranda Dorneles
Emanuelle Quadros dos Santos
Joice de Souza
Margarida Aguiar
Maria Lunardi
Roberto Ritter

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

TI Informática

Jean Porto

Manutenção Predial

TOP Service

Segurança

Elio Fleury
Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000
www.iberecamargo.org.br

Agendamento: [55 51] 3247-8001
agendamento@iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo, entre em contato:
tel [55 51] 3247-8000
institucional@iberecamargo.org.br

Realização



Realização Passo Fundo



Realização Santa Maria



Patrocinadores da Exposição



Patrocinadores MAVRS



Apoio MAVRS



Patrocinadores da Fundação Iberê Camargo



Apoio

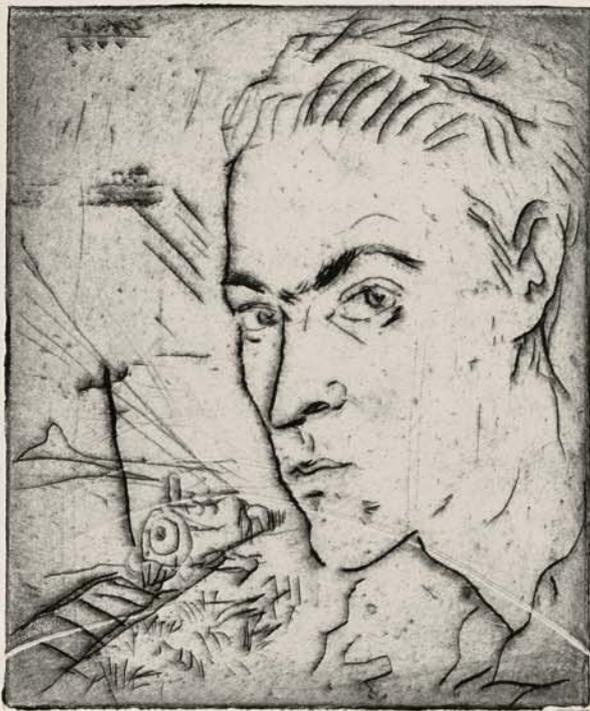


Financiamento



Secretaria da Cultura





IBERÊ CAMARGO

Autorretrato, 1943
ponta-seca sobre papel
12,1 x 9,9 cm
col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre



sem título, 1986
guache e lápis stabilotone sobre papel
99,9 x 69,8 cm
col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre

*O homem olha a sua face, interroga-se e não sabe quem é. Talvez o autorretrato seja uma interrogação. Talvez seja olhar dentro de mim mesmo.*¹

O *autorretrato* é um tema que atravessa toda a produção de Iberê Camargo, sendo que as vivências do pintor modificam, ao longo do tempo, sua linguagem e a maneira como olha para si próprio. No início de sua carreira, predomina um desenho de linhas limpas e atenção aos detalhes, como na gravura *Autorretrato*, produzida quando o artista fazia parte do grupo Guignard.² Além de sua imagem, essa obra revela, através dos elementos no fundo, aspectos importantes da vida de Iberê, como o trem, referência marcante em sua história familiar, e a paisagem do Rio de Janeiro, cidade para onde se muda em busca de um ambiente artístico mais propício ao desenvolvimento de sua carreira.

Com o passar dos anos, o trabalho de Iberê se torna mais denso, combinando a expressão da angústia que marca a personalidade do artista com uma pesquisa sobre a forma e a matéria da pintura. Nos autorretratos da década de 1980, representar-se de maneira realista perde a importância: o desenho parece ser feito de forma mais rápida, as linhas se adensam e se multiplicam, dando a ideia de movimento, e detalhes da fisionomia são acentuados, lembrando por vezes caricaturas. Os olhos vazios, recorrentes em trabalhos da época, sugerem, mais do que uma análise física, o olhar para o interior característico de sua produção madura.

1 CAMARGO, Iberê. *No andar do tempo: 9 contos e um esboço autobiográfico*. São Paulo: L&PM, 1998, p. 97.

2 Grupo de artistas que se reunia, entre 1943 e 1944, no ateliê da Rua Marquês de Abrantes, no Rio de Janeiro, para ter aulas de desenho, aquarela e guache com o artista mineiro Alberto da Veiga Guignard. O grupo se dissolveu com a mudança de Guignard para Belo Horizonte.

Para pensar

O trem, assim como os riachos, carretéis e ciclistas que pontuam a obra do artista, é um símbolo de passagem. Discuta com a turma sobre momentos que marcam mudanças na vida dos alunos. Que símbolos eles escolheriam para indicá-los?

Peça aos alunos para trazerem fotografias antigas de suas famílias. O modo como as pessoas eram retratadas é o mesmo de hoje? Converse com a turma sobre a popularização da fotografia digital. Os alunos usam essa tecnologia para retratar a si próprios? Como isso difere de um autorretrato feito com pintura ou desenho?





Veni Carrara
68

IBERÊ CAMARGO

Objetos, 1968

água-tinta (processo do açúcar) e relevo

29,8 x 48,9 cm

col. Maria Coussirat Camargo

Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre

foto: Romulo Fialdini

*As gravuras em água-forte e água-tinta, executadas de 1959 a 1973, pertencem a um período significativo da minha obra gravada. 'O que são elas' – perguntam-me muitas vezes, quase todas. Não emito conceitos. Não me proponho definições. Elas são a minha presença e o meu testemunho. Eu as fiz com minhas mãos e o meu coração, corroendo e ferindo a matéria como fizeram os artistas que me antecederam. Eu as fiz com simplicidade, no vagar do ácido, com a paciência do oleiro que coze a terra.*¹

O processo de formação de Iberê Camargo passa, em primeiro lugar, pelo domínio de um conhecimento técnico, para que, a partir disso, o artista encontre a sua própria linguagem e expressão. Esse caminho é visível não só em sua produção em pintura, mas também em gravura. O artista começa a trabalhar com gravura em metal no início dos anos 40, ainda no Brasil, e aprofunda seu conhecimento com Carlo Alberto Petrucci, diretor da Calcografia de Roma, e com a intensa correspondência que troca com o amigo Mário Carneiro sobre o assunto. Iberê tem papel importante na difusão da técnica no país: funda o ateliê de gravura do Instituto Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (1953) e publica seu próprio manual de gravura (1955 – 1992),² além de ministrar cursos no Rio Grande do Sul.

O período entre os anos 60 e 70 marca a maturidade da produção de Iberê Camargo, quando o artista se dedica a uma pesquisa formal que o leva a sintetizar a figura e a explorar a matéria da pintura. Esse vigor também aparece nas gravuras realizadas nessa época, que trazem objetos esquemáticos organizados em estruturas. Em alguns casos, como em *Objetos*, de 1968, a chapa de metal sofre um processo de gravação tão profundo que acaba por furá-la. As áreas brancas da obra reproduzida nessa lâmina são resultado desses buracos na matriz.

1 CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos Guardados*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 97.

2 O texto inicial do manual é escrito em 1955, no formato de um polígrafo utilizado nas aulas no Instituto Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e a partir de então passa por sucessivas reelaborações. Em 1964, o artista o publica em forma de artigo na revista *Cadernos Brasileiros*, em 1975, o lança novamente no formato de um pequeno livro, editado pela Topal e, em 1992, publica *A gravura*, pela Sagra-Luzzato, incluindo mais informações.



Modelos, 1994

água-forte

19,6 x 15 cm

col. Maria Coussirat Camargo

Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre

foto: Fábio Del Re

Para pensar

Proponha à turma a comparação de duas gravuras de Iberê Camargo, realizadas em épocas distintas. Que diferenças os alunos percebem entre *Objetos*, de 1968, e *Modelos*, de 1994, uma das últimas gravuras do artista? Analise o tipo de linha, a organização das figuras e as formas representadas. O que muda com a passagem do tempo?





IBERÊ CAMARGO

sem título, 1975
guache sobre papel
50,6 x 72,6 cm
col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre
foto: Romulo Fialdini

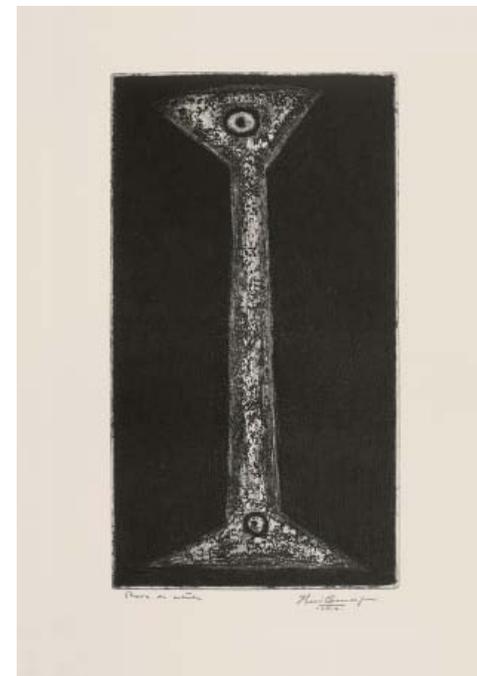
*Aí então tinha mesa. Depois a mesa desapareceu e o último resquício da mesa era apenas a linha horizontal. E finalmente desapareceram os carretéis. Perderam a intensidade, o peso, um certo realismo e levitaram.*¹

A imagem do carretel é recorrente na obra de Iberê Camargo. Ao longo dos anos em que trabalhou esse tema, o pequeno objeto utilizado para enrolar linha deixa de ser um brinquedo da infância para tornar-se o elemento chave com o qual o artista explora a abstração. As formas inicialmente reconhecíveis, dispostas sobre mesas ou sobre uma linha de base, cedem lugar à planaridade. Vemos a transição do carretel solitário de *Um carretel*, que ainda remete a uma noção de tridimensionalidade, para uma obra cheia de cores na qual figura e fundo se confundem para formar uma única e mesma superfície.

A pintura de Iberê torna-se fortemente gestual. A forma do objeto perde importância e a materialidade da pintura surge como elemento fundamental de sua obra. "Assim, abre-se um capítulo novo na pintura de Iberê que se libera pouco a pouco dos limites dos objetos para dar maior importância ao impulso do próprio gesto de pintar."²

1 COCCHIARALE, Fernando; GEIGER, Anna Bella. *Abstracionismo geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004, p. 181 – 182.

2 LEENHARDT, Jaques. *Iberê Camargo: os meandros da memória*. Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2010, p. 32.

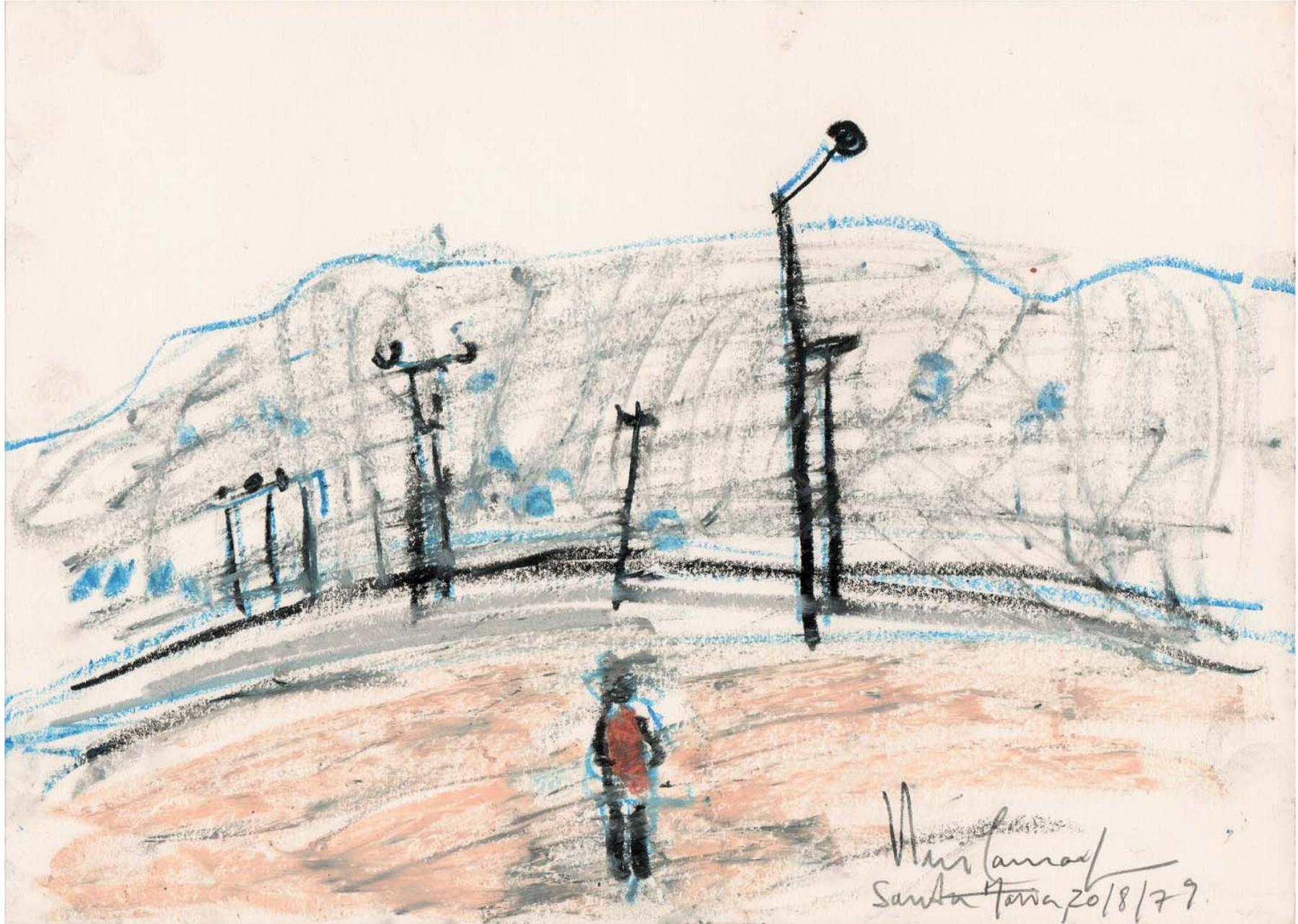


Um carretel, 1960
água-forte e água-tinta
49,5 x 28,2 cm
col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre
foto: Leonid Streliaev

Para pensar

Converse com os alunos sobre como essa síntese das formas também está presente em nosso cotidiano. Peça que eles lembrem de placas de trânsito ou histórias em quadrinhos, por exemplo. De que maneira a figura humana, os objetos e a paisagem são representados? Desafie a turma a pensar em outros exemplos similares.





Mir Linares
Santa Fe 20/8/79.

IBERÊ CAMARGO

sem título (Santa Maria), 1979
lápiz stabilotone sobre papel
22,5 x 31,2 cm
col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre
foto: Acervo Documental

*Das minhas raras alegrias, uma me vem à mente: criança, aguardo ansioso a chegada do trem que traz a Bua.*¹

Em 1950, Iberê retorna ao Brasil após sua viagem à Europa. Durante o período em que passou fora do país, o artista visitou museus e aprofundou seus estudos no campo da arte, atento às lições de seus mestres e professores. Pouco a pouco, Iberê converge para uma síntese. Suas paisagens do Rio Grande do Sul, antes tão carregadas de representação expressionista, dão lugar a um traço ainda firme e conciso, mas sem a rigidez do desenho acadêmico.

A partir desse período, vemos um Iberê menos preocupado com o preenchimento do espaço no papel ou com a representação fiel dos elementos. Embora elaborados em épocas diferentes da formação do artista, os dois desenhos reproduzidos nessa lâmina trazem em comum paisagens da infância e adolescência de Iberê de uma forma muito afetiva. Os trilhos da estação ferroviária e a imagem do riacho e da velha casa são “esse mundo fabuloso do passado, reconstrução, sem dúvida, idealizada, cheia de lembranças coloridas (...)”.²



sem título, 1940
grafite sobre papel
22 x 27,5 cm
col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre
foto: Acervo Documental

Para pensar

As paisagens da infância de Iberê Camargo mudaram ao longo do tempo. O cenário rural que servia de inspiração ao artista cedeu lugar a uma paisagem industrializada. Peça aos alunos que pensem em lugares que tenham sofrido alterações como essa. Por que isso ocorreu? Essas mudanças foram positivas? Aproveite para apresentar imagens antigas e atuais da cidade a fim de realizar uma comparação entre a paisagem do passado e do presente.

1 CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos guardados*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 34.

2 LEENHARDT, Jaques. *Iberê Camargo: os meandros da memória*. Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2010, p. 10.

